

# Resumo de notícias econômicas

23 de junho de 2021 (quarta-feira)

Ano 3 n. 116

Núcleo de Inteligência da Sedet



**CEARÁ**  
GOVERNO DO ESTADO  
SECRETARIA DO DESENVOLVIMENTO  
ECONÔMICO E TRABALHO

# PRINCIPAIS NOTÍCIAS DE POLÍTICA ECONÔMICA: 23 DE JUNHO DE 2021

## Indústria faz lobby e Câmara articula limite a importados

### O Estado de S. Paulo

Em posição contrária à do Ministério da Economia, uma articulação na Câmara tenta legalizar a criação de barreiras à entrada no País de produtos estrangeiros. Isso seria feito por meio de emendas que invertem o sentido de MP do governo que proíbe o chamado preço de referência. O governo identificou, no texto da medida que trata de ações para a melhoria do ambiente de negócio, pelo menos dez emendas que invertem seu sentido original. Uma delas substitui o “fica vedado” do texto por “fica autorizado” o preço de referência. Críticos do mecanismo que define um valor mínimo para os produtos importados dizem se tratar de um atalho da indústria para barrar concorrentes. O modelo, que vigora no País desde os anos 1950, é considerado ilegal pela Organização Mundial do Comércio (OMC). A indústria alega que esse mecanismo combateria a concorrência desleal.

O governo identificou mais de dez emendas ao texto da MP destinada a promover a melhoria do ambiente de negócio que invertem o teor original. Uma delas substitui o “fica vedado” do texto por “fica autorizado” o “preço de referência”. Críticos do mecanismo que define um preço mínimo para os produtos importados dizem que se trata de um atalho da indústria para conseguir barrar concorrentes de forma rápida. Já a indústria alega que esse mecanismo é para combater a prática desleal de comércio porque o produto importado chega muito barato no Brasil por ser subfaturado e por fraudes.

Sem previsão legal, o “preço de referência” começou a ser praticado nos anos 1950. A decisão para qual produto haverá esse tipo de barreira é política. Representantes da indústria apresentam para o governo suas queixas e tentam convencer o Ministério da Economia a impor a barreira. Entre os exemplos de produtos que já tiveram “preço de referência” para entrar no Brasil, estão cobertores, óculos,

escovas para cabelo, pneus, camisas, tecidos, produtos siderúrgicos, máquinas e equipamentos.

“É uma forma disfarçada de protecionismo”, diz o secretário de Comércio Exterior do Ministério da Economia, Lucas Ferraz. Ele chama atenção para o risco de abertura de um processo na OMC contra o Brasil. Em 1999, os EUA e a União Europeia abriram consulta na OMC argumentando que o mecanismo brasileiro para proteger a indústria nacional era desleal, desrespeitando acordos internacionais. Na fase de consultas prévias à abertura do painel da OMC, o Brasil recuou e deixou de aplicá-lo às importações provenientes dos EUA e da União Europeia. Mas passou a concentrar seu uso nas importações vindas da Ásia, o que foi mantido até janeiro deste ano.

O embasamento legal para o governo extinguir a prática foi o artigo da lei de liberdade econômica, que trata do abuso de poder econômico. Foi feito um acordo com a indústria para extinguir de forma faseada, o que ocorreu entre novembro de 2020 e janeiro de 2021. O relator da MP, Marco Bertaiolli (PSD-SP), antecipou que vai retirar o artigo proibindo a prática no seu relatório. “Estão proibindo algo que não é permitido.” Segundo ele, o acordo que está sendo construído é para excluir esse trecho para não comprometer toda a MP e a discussão deve ser feita adiante. “As indústrias brasileiras não querem que essa prática seja proibida”, admitiu.

## **CSN Cimentos aguarda acordo com fundo para IPO**

### **Broadcast**

A Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), do empresário Benjamin Steinbruch, espera o desfecho das negociações com o fundo Farallon para a aquisição da Cimentos Elizabeth, antes de dar continuidade ao IPO de sua unidade de cimentos. O negócio deve ser concluído nos próximos dias. Mesmo que a avaliação da cimenteira não mude com o negócio, a expectativa é de que as conversas com investidores para a abertura de capital sejam ainda mais positivas, com o viés de crescimento da companhia. Até aqui os bancos que estruturam a oferta já fizeram reuniões iniciais com potenciais investidores. As conversas têm girado em torno da tese de crescimento e projeções, mas o preço não entrou na pauta. » Cimentado. A ideia é que o IPO da unidade movimente

cerca de R\$ 2,5 bilhões. O valor da ação na oferta inicial deve ser conhecido na segunda semana de julho. Procurada, a CSN não comentou.

## **IPO da Gestora de Recursos da Caixa**

### **Broadcast**

A Caixa Econômica Federal escalou o seu vice-presidente de finanças e controladoria, Gabriel Dutra Cardozo Vieira de Goes, para comandar sua gestora de recursos. O nome foi aprovado na reunião do conselho. Sua principal missão será estruturar a companhia para abrir capital na Bolsa, o que é esperado para o fim do ano. O IPO da gestora de recursos depende do aval do Banco Central, que deve acontecer nas próximas semanas. Enquanto aguarda a chancela, a Caixa avança nos preparativos para a oferta, como migrar fundos para a nova empresa e contratar os bancos assessores para a operação.

O presidente da Caixa, Pedro Guimarães, tem pressa. Com experiência no mercado de capitais, ele sabe que 2022 será um ano mais difícil para levar adiante os planos para empresas estatais por conta das eleições presidenciais. Por isso, a prioridade é levar a gestora à bolsa ainda este ano. O IPO da gestora de recursos da Caixa deve ser nos moldes da sua holding de seguros. Assim, espera-se que o banco público venda em torno de 15% do seu negócio de gestão de recursos na bolsa, sendo ao menos 70% da operação às pessoas físicas. Se conseguir o feito, deve superar o IPO da Caixa Seguridade, no qual metade da oferta foi distribuída ao varejo.

Primeiro IPO na história do banco, o processo da Caixa Seguridade é considerado internamente um bom termômetro para a venda de outros ativos na bolsa. Desde a oferta, no fim de abril, os papéis se valorizaram mais de 30%. Quarta maior gestora de recursos do País, a asset da Caixa tem mais de R\$ 419 bilhões sob gestão e deverá ser a primeira a ter capital aberto. Procurada, a Caixa não comentou.

## **Abastecimento Hídrico e Crise Energética**

### **Broadcast**

Os reservatórios das hidrelétricas do Sudeste e do Centro-oeste deixaram de receber água suficiente para produzir 20,7 gigawatts-hora (GWH) de energia, o equivalente a 2,3 vezes a produção média de Itaipu entre 2011 e 2020, aponta estudo feito por pesquisadores do Grupo de Estudos do Setor Elétrico da Universidade Federal do Rio de Janeiro (GESEL/UFRJ).

Nos últimos nove anos, a quantidade de água que chega aos reservatórios das usinas na região foi 17% menor do que a média histórica de 91 anos. Em 12 meses até maio, a situação foi ainda pior, e os volumes ficaram 30% menores. O estudo mostra que nos últimos 9 anos, a capacidade instalada de geração cresceu 43%, enquanto o consumo subiu 19%. Caso o consumo tivesse acompanhado, haveria risco de déficit agudo na oferta.

## **Abertura de Vagas**

### **Broadcast**

Com a disparada dos negócios no mercado de capitais, o Bradesco BBI decidiu reforçar sua equipe e está contratando 28 profissionais, em todos os níveis. Com isso, seu quadro de funcionários vai subir de 70 pessoas para quase 100. A intenção é adequar a estrutura ao avanço do volume de negócios. O Bradesco BBI projeta que já ao fim de julho, o volume de emissões de ações no Brasil poderá superar o de todo o ano de 2020, que já havia registrado recorde histórico, com R\$ 129 bilhões. O banco está participando de duas ofertas que serão precificadas esta semana: Ecorodovias e Banco Inter, sendo que a última pode bater em R\$ 5,5 bilhões. Na CVM, há 27 companhias que pediram registro para ofertas, e o BBI estima que podem movimentar R\$ 60 bilhões.

## As oscilações da produtividade na pandemia

### Broadcast

As grandes mudanças provocadas pela pandemia na atividade produtiva resultaram em variações igualmente amplas na produtividade do trabalho, algumas vezes em sentido contrário ao que poderia sugerir o senso comum.

A produtividade baseada nas horas efetivamente trabalhadas, por exemplo, aumentou quase 25% no primeiro trimestre de 2020, o pior do ano, na comparação com igual período de 2019, segundo estudo publicado do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas. Em plena crise, os que mantiveram sua ocupação passaram a produzir mais por hora trabalhada? Na verdade, um conjunto de circunstâncias, poucas vezes favoráveis, provocou oscilações excepcionais nesse indicador. Mas é muito provável que essas variações, a despeito de sua amplitude, tenham sido temporárias e, doravante, a evolução retome a tendência observada antes da pandemia, a de um avanço lento.

Usualmente, a produtividade do trabalho é medida com base nas horas trabalhadas. Estas, por sua vez, podem ser as horas habitualmente trabalhadas ou as horas efetivamente trabalhadas. Em condições normais, as diferenças entre uma e outra forma de medição são muito pequenas, geralmente provocadas pelo número maior de feriados, dias de folga ou alguma interrupção inesperada na produção. Na pandemia, porém, as variações foram muito grandes. Praticamente todas as variáveis utilizadas nesses cálculos (valor adicionado e horas habitualmente e efetivamente trabalhadas) diminuíram durante a fase mais aguda da crise da pandemia. Mas caíram em proporções muito diferentes, daí a diferença no resultado.

Trata-se de um quadro excepcional, que, na avaliação dos autores do estudo, pode ter adiado o ajuste, para baixo, da produtividade. A pandemia levou ao fechamento de mais empresas de serviços do que as de outros segmentos. E o setor de serviços tem produtividade média menor do que a dos demais setores.

Além disso, o desemprego causado pela pandemia afetou mais trabalhadores informais e de baixa escolaridade, em geral de menor produtividade. E o uso mais intenso da tecnologia por aqueles que se mantiveram ocupados ajudou a melhorar a eficiência do trabalho.

A retomada inverterá o papel desses fatores.

## **Equipe econômica estuda elevar isenção do IR para R\$ 2,5 mil**

### **Folha de São Paulo**

Concentrada nos últimos detalhes do projeto do Imposto de Renda, a equipe econômica está tendo de fazer novas simulações para alterar a proposta e subir de R\$ 2,4 mil para R\$ 2,5 mil por mês a faixa de isenção do Imposto de Renda da Pessoa Física. Hoje, quem ganha até R\$ 1,9 mil mensais está isento.

Vários cenários estão sendo considerados, com arranjos distintos, para atender à demanda do presidente Bolsonaro. Segundo técnicos da Receita Federal envolvidos na elaboração das simulações, uma das propostas é não dar o mesmo percentual de correção para todas as faixas da tabela do IRPF. Hoje, elas são de 7,5% (para ganhos entre R\$ 1,9 mil e R\$ 2,8 mil), 15% (de R\$ 2,8 mil a R\$ 3,7 mil), 22,5% (de R\$ 3,7 mil a R\$ 4,6 mil) e 27,5% (acima de R\$ 4,6 mil). A medida diminuiria o tamanho da perda de arrecadação e impediria que contribuintes com maior renda no final da tabela (alíquota de 27,5%), por exemplo, fossem muito beneficiados pela medida. Isso porque as alíquotas não são cobradas integralmente sobre os rendimentos. Quem ganha R\$ 4 mil por mês, por exemplo, não paga 22,5% sobre toda a parte tributável do salário. Os “primeiros” R\$ 1.903,98 são isentos. O que passar desse valor, e não superar os R\$ 2.826,65, é tributado em 7,5%. E assim sucessivamente.

Uma das críticas de uma correção da tabela geral na mesma proporção é a perda de arrecadação grande num cenário de restrição fiscal. Além disso, a medida não aumenta a chamada progressividade (o que faria com que quem ganha mais pagasse proporcionalmente mais) do sistema tributário brasileiro. Por outro lado, um dos riscos é não atender inteiramente à promessa do presidente de agradar à classe média.

Fontes informaram que está próxima a decisão que será incluída no projeto, mas é provável que o texto não seja finalizado hoje como queria o presidente da Câmara, Arthur Lira.

O projeto deve manter a isenção dada hoje sobre o ganho das Letras de Crédito Imobiliário (LCI) e do Agronegócio (LCA). A equipe econômica defende o fim da isenção, mas a pressão política e do mercado tem sido grande para mantê-la. Até o momento,

prevalece a proposta do ministro da Economia, Paulo Guedes, de taxar a tributação de lucros e dividendos com 20% e uma faixa de isenção de R\$ 20 mil por mês e o fim do chamado Juros sobre Capital Próprio (JCP). Esse instrumento é uma forma de as empresas remunerarem seus investidores que pode ser abatida como despesa fazendo a empresa pagar menos IR. A proposta prevê uma redução da alíquota do IR das empresas de 25% para 22,5% em 2022. Em 2023, a alíquota cai mais, para 20%. Também haverá tributação dos fundos fechados exclusivos usados para investimentos dos super-ricos.

## **Estrangeiras já têm 20% de óleo e gás**

### **O Estado de S. Paulo**

Com a Petrobrás pisando no freio dos investimentos e vendendo mais ativos, empresas petrolíferas estrangeiras estão ganhando espaço no Brasil. Juntas, Shell, Repsol Sinopec, Petrogal e Totalenergies já respondem por 20% da produção nacional de petróleo e gás. Em conjunto, a iniciativa privada responde, hoje, por 27% do total, segundo dados da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP).

O novo retrato da indústria revela ainda a transferência dos investimentos para o pré-sal e a queda do número de descobertas de reservatórios. Mudou também a distribuição dos royalties entre municípios.

Representante das grandes petrolíferas, o Instituto Brasileiro de Petróleo e Gás (IBP) espera que a participação das estrangeiras cresça ainda mais à medida que o pré-sal avançar.

Os investimentos da Petrobrás estão caindo desde 2014, quando a empresa passou a ser alvo de denúncias de corrupção na Operação Lava Jato, a cotação do petróleo despencou e seu endividamento ultrapassou US\$ 100 bilhões. Seus gestores reduziram os investimentos, que passaram de US\$ 236,7 bilhões (para o período de 2014 a 2018) para os atuais US\$ 55 bilhões (de 2021 a 2025). A estatal abandonou o plano de ser uma empresa integrada em cadeia, vendeu campos terrestres e em águas rasas e colocou menos dinheiro na exploração de novas reservas, que responderiam por descobertas futuras. Houve poucas aquisições nos últimos anos, exceto em áreas gigantes do pré-sal da Bacia de Santos, como em Búzios, tido como seu melhor ativo.

A participação da Petrobrás na produção nacional passou de 84% em abril de 2016 para 73% em igual mês deste ano, uma queda de 11 pontos percentuais em cinco anos. Em contrapartida, a da Shell, que, há cinco anos, respondia por 7% da produção interna de óleo e gás, hoje está com 12%. Parte desse avanço se deve à compra da BG, em 2016. Em seguida, aparecem a Petrogal (cuja participação passou de 1,4% para 3,4%) e Totalenergies, que saiu do zero para quase 2%. A Repsol Sinopec ocupa a quarta colocação, mas o volume extraído por ela caiu 0,2% no período. Há ainda uma série de companhias estrangeiras de grande porte – como Chevron, Equinor e Exxon, que apostam em campos em águas profundas, inclusive no pós-sal – e brasileiras, como Enauta, Petrório e Dommo, que vêm crescendo, principalmente, com a compra de áreas da Petrobrás.

A Petrobrás afirmou ser “natural” o crescimento de concorrentes estrangeiras no mercado, “assim como a entrada de novas empresas em ativos vendidos” por ela. A estatal trabalha para manter sua liderança na produção de petróleo e gás em águas profundas e ultraprofundas, incluindo o pré-sal, como informou por sua assessoria de imprensa.

A estatal afirmou que atuar em sociedade é uma solução para reduzir a exposição ao risco e agregar o conhecimento e capital dos parceiros. Segundo a companhia, esse modelo de negócio ajuda a empresa a “estar presente em um maior número de oportunidades e agregar competência”. A Petrobrás argumenta que sua produção de petróleo cresceu nos últimos anos, com exceção de 2018, e que deve manter a liderança no segmento de refino, mesmo após se desfazer de metade da sua capacidade de produção de derivados. “A Petrobrás continuará sendo a maior companhia integrada no Brasil”, afirmou.

A Shell afirmou ter ativos no Brasil, em todas as fases, da exploração à desmobilização de plataformas. Dois deles estão na fase de produção: Parque das Conchas e Bijupirá-salema, na Bacia de Campos. “Também planejamos para este ano um poço exploratório no bloco CM-791, na Bacia de Campos, arrematado na 15.ª rodada de concessão (em 2018), o que demonstra que o nosso interesse vai além do pré-sal”, destacou.

A Totalenergies afirmou ter um “compromisso de longo prazo com o Brasil” e que o País “oferece grandes oportunidades no pré-sal”. A empresa prevê investir US\$ 500 milhões por ano em exploração e produção até 2024 e elevar o volume extraído para 150 mil barris por dia.

A norueguesa Equinor, sétima maior produtora nacional, disse que o Brasil é estratégico para ela. “Desde 2001, a Equinor vem construindo uma organização local forte”, afirmou a empresa. “A empresa já investiu mais de US\$ 11 bilhões no Brasil até agora e espera investir mais US\$ 15 bilhões até 2030”, acrescentou.

Para William Nozaki, coordenador do Instituto de Estudos Estratégicos de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (Ineep), a retração da Petrobrás tem impactos negativos importantes na produção. “O primeiro efeito é a redução da taxa média de investimento total, já que as estrangeiras têm investido menos e não compensam a retração da estatal. Além disso, caiu a produção fora da Bacia de Santos (onde está o pré-sal). Na Bacia de Campos, por exemplo, Shell, Equinor, Dommo reduziram o volume extraído, e Chevron deixou de ser operadora no ano passado (a empresa mantém participação em um campo)”, afirmou.

O especialista em Petróleo e Gás Luciano Losekann, professor da Universidade Federal Fluminense (UFF), destaca a importância da continuidade do investimento para a manutenção das receitas de royalties. O Rio de Janeiro continua a ser o Estado mais favorecido. Internamente, no entanto, a arrecadação de compensações financeiras migra do norte fluminense para a região metropolitana. No topo da lista das mais beneficiadas estão, agora, as cidades de Maricá e Niterói.

## **Descomplica compra a Uniamérica após aporte de US\$ 84,5 mi**

### **O Estado de S. Paulo**

A startup de educação (ou “edtech”) Descomplica anunciou ontem a aquisição da Uniamérica, centro universitário com 2 mil alunos sediado em Foz do Iguaçu, Paraná. O negócio, que não teve valor divulgado, é o primeiro da Descomplica após o aporte de US\$ 84,5 milhões, um dos maiores do segmento na América Latina, recebido no último mês de fevereiro.

Com a aquisição, a Descomplica turbinará o seu avanço no ensino superior, um dos principais pilares da empresa em sua estratégia de expansão. “Não estamos consolidando mercado, comprando alunos. O negócio vai permitir acelerar muito a nossa capacidade de crescimento no ensino superior. Vamos pular de quatro cursos para 22”, conta ao Estadão Marco Fisbhen, fundador da Descomplica.

A startup inaugurou no ano passado a Faculdade Descomplica, divisão de ensino superior que traz cursos de graduação e pós-graduação 100% digitais. Segundo Daniel Pedrino, presidente da Faculdade Descomplica, toda a equipe da Uniamérica será absorvida – Ryon Braga, fundador da Uniamérica, permanecerá como reitor da instituição.

Os professores e coordenadores da Uniamérica serão absorvidos e passarão por treinamento para entregar conteúdo para a plataforma da Descomplica – a startup afirma que investirá R\$ 1 bilhão nos próximos três anos na produção de conteúdo. Pedrino conta que a marca da Uniamérica será aposentada, dando lugar à marca da Faculdade Descomplica. A aposta é vista como um movimento único na história das edtechs. “O movimento é o inverso daquilo que vinha acontecendo, quando os grupos educacionais buscavam as startups”, diz Leo Gmeiner, diretor do Comitê de Edtech da Abstartups.

## **Startups ‘unicórnio’ têm alta recorde em 2021**

### **O Estado de S. Paulo**

Unicórnios não existem além da imaginação humana. Mas eles são bem reais no mundo das startups. Para uma empresa de tecnologia, tornar-se unicórnio significa superar a poderosa marca de US\$ 1 bilhão de avaliação de mercado. Por ser algo raro, é que a distinção é tão honrosa para investidores e empreendedores. Porém, em 2021, isso parece estar mudando com a expansão do clube. Diante do estouro global, surgem questionamentos se o status ainda serve para marcar as mais notáveis do mundo.

Segundo a consultoria CB Insights, em 2021 há um número recorde de startups que se tornaram unicórnio: foram 209 até 22 de junho. O número supera com folga as turmas de 2020 (120), de 2019 (123) e de 2018 (122). No mundo todo, já são 725. Mas quais são as razões para essa explosão de unicórnios pelo mundo?

Um deles é a alta adoção de tecnologia durante a pandemia de covid-19, que alavancou não só as gigantes do setor (Apple, Amazon, Microsoft, Google e Facebook), mas também as startups, que aproveitaram a onda para surfar com os grandes tubarões do mercado. Setores como finanças, comércio eletrônico e logística atingiram novo patamar durante o ano passado.

Além disso, a queda global dos juros básicos aumentou o apetite por risco, fazendo crescer a demanda por investimentos no único setor em alta na renda variável, o de tecnologia.

“Com tanta liquidez no mercado e menos empresas disponíveis para investir, a avaliação dessas startups sobe mais rapidamente”, diz Gustavo Araújo, presidente da empresa de inovação Distrito. “Existe empresa que talvez nem fosse unicórnio em um momento de taxa de juros mais equilibrada.” Apesar do cenário composto por fatores externos a aquilo que as startups fazem, o mercado não vê motivo para rever o status ou criar distinções – ao menos por enquanto. “Esse é um marco para ser revisado só daqui a 20 ou 30 anos, quando completarmos a transição de uma economia analógica para uma totalmente digital. Todo mundo já vai ter virado unicórnio até lá”, afirma Araújo.

Cristiano Freitas, diretor financeiro da Associação Brasileira de Startups (Abstartups), acredita que haverá a popularização de novos termos, como os ainda mais raros “decaórnios”, as startups avaliadas em mais de US\$ 10 bilhões (já são 33 em todo o mundo, segundo a CB Insights). Para Diego Pérez, da Associação Brasileira de Fintechs (Abfintechs), é importante ter maneiras de identificar um grupo de empresas. Ele explica que a diferença do momento atual para anos anteriores é que se tornar unicórnio virou o início de uma jornada global: “Esse era o último estágio antes de abrir capital na Bolsa. Hoje, é o primeiro nível para se tornar uma empresa mundial. Continua sendo um marco, mas mudou o momento da jornada.”

A distinção é ainda mais importante no mercado brasileiro, pois, apesar da explosão global, o clube de unicórnios nacionais é seletivo. De 2016 até hoje, segundo a Abstartups, o Brasil gerou 16 companhias de mais de US\$ 1 bilhão – elas totalizam apenas 0,11% de todas as startups brasileiras. O nome mais novo a se juntar publicamente ao grupo é a Hotmart. Discreta, a startup mineira demorou 13 meses para

anunciar que superou a marca de US\$ 1 bilhão, em fevereiro de 2020. “Nunca foi nosso objetivo, mas é óbvio que isso é bom porque temos mais capital e a chance de investir no próprio produto”, explica o diretor global de negócios estratégicos da Hotmart, Alexandre Abramo. Desde então, a companhia diz ter como principal compromisso ajudar o ecossistema a inovar, realizando aportes individuais e até aquisições.

Pérez, da Abfintechs, aponta que existe um efeito cadeia ao se atingir o marco. Segundo ele, realizar aquisições é essencial para que o unicórnio continue se expandindo. Como efeito, isso permite ao criador da startup comprada ter um retorno antecipado do investimento e esse dinheiro acaba sendo usado para criar startups, aquecendo o mercado.

“Um unicórnio é uma entidade importante para o ecossistema. Ele é uma peça-chave para que os empreendedores continuem investindo”, diz Pérez.

*Os textos do conteúdo exposto neste informativo não são de autoria do Governo do Estado do Ceará.*

***Assessoria de Comunicação – Sedet***

***Fone: (85) 3444.2900***

***www.sedet.ce.gov.br***

## MERCADOS E ÍNDICES SELECIONADOS

DADOS DEMOGRÁFICOS				
INDICADOR/REGIÃO	CEARÁ	NORDESTE	BRASIL	PERÍODO
Área Km2	148.894	-	8.510.295	
População	9.187.103	57.374.243	211.755.692	
Dens demográfica hab/km2	56,76		22,43	

Fonte: IBGE

INDICADORES SOCIAIS				
INDICADOR/REGIÃO	CEARÁ	NORDESTE	BRASIL	PERÍODO
Índice de GINI:	0,6193	0,6277	0,6086	
Renda domiciliar per capita R\$	942	-	2.398,00	
Expectativa da Vida	74,1	-	76,7	2017
IDH	0,68	-	0,765	2010

Fonte: IBGE

DADOS ECONÔMICOS				
INDICADOR/REGIÃO	CEARÁ	NORDESTE	BRASIL	PERÍODO
PIB	R\$ 156,1 BI	-	R\$ 6,90 TRI	2020
Saldo da Balança Comercial (Em Mi US\$)	-318,8 (12º)	-	7.907,8	Jan-Mar/2021
Estoque do Volume de Crédito	87,76 BI		4,05 TRI	Fev/2021
INFLAÇÃO				
	RMF	NORDESTE	BRASIL	PERÍODO
Meta	-	-	3,75	2021
IPCA (Acumulado no Ano)	3,36		2,37	04/2021

Fonte: Banco Central, ME e IBGE

MERCADO DE TRABALHO				
INDICADOR/REGIÃO	CEARÁ	NORDESTE	BRASIL	PERÍODO
Contratações	150.989	812.613	6.406.478	Jan-Abr/2021
Demissões	130.963	724.037	5.448.589	Jan-Abr/2021
Saldo de Empregos Gerados	20.026	88.576	957.889	Jan-Abr/2021
Desocupação (%)	14,4	17,2	13,9	4 TRI 2020
Nível de Ocupação (%)	42,8	41,6	48,9	4 TRI 2020
População em Idade de Trabalho	7.620 (100%)	46.767 (100%)	176.362(100%)	4 TRI 2020
Força de Trabalho (mil)	3.808 (50%)	23.484 (50%)	100.104 (57%)	4 TRI 2020
Ocupada (mil)	3.260	19.455	86.179	4 TRI 2020
Desocupada (mil)	548	4.029	13.925	4 TRI 2020
Fora da Força de Trabalho (mil)	3.812 (50%)	23.283 (50%)	76.258 (43%)	4 TRI 2020

Fonte: IBGE e ME

Total de Empresas Ativas -2021				
INDICADOR/REGIÃO	CEARÁ	NORDESTE	BRASIL	PERÍODO
Empresas Ativas	600.790	3.462.249	19.907.733	2020

Fonte: ME

Abertura/Fechamento de Empresas – Ceará -2018 a 2021					
Especificação	Total do Ano			2021	
	2018	2019	2020	Maio	Até Maio
	Abertura	69.981	84.948	89.084	8.455
Fechamento	71.796	31.501	27.463	2.735	14.638
Saldo	-1.815	53.447	61.621	5.720	31.048

Fonte: JUCEC

CONDEC – 2020 e 2021				
	Protocolos (Atraídos)		Resoluções (Implantados)	
	2020	2021 (Até Maio)	2021	2021 (Até Maio)
Quantidade	39	13	19	2
Investimentos Privados Projetados (R\$)	881.278.406,90	66.902.080,54	165.696.341,37	48.222.455,48
Emprego Direto Projetados	7296	1297	1965	10

Fonte: ADECE

PECEM – Total de Movimentação de Cargas (Toneladas) – 2018 a2021					
Período	Total do Ano			2021	
	2018	2019	2020	Abril	Até Abril
		17.214.859	18.096.308	15.930.483	1.755.051

Fonte: CIPP